Insper

Insper Instituto de Ensino e Pesquisa

Ciências Econômicas

Pedro Flores Levy

HOUVE UMA MELHORA CONTÁBIL NOS BANCOS BRASILEIROS QUE PASSARAM PELO PROCESSO DE PRIVATIZAÇÃO?

São Paulo

2019

Pedro Flores Levy

Houve uma melhora contábil nos bancos brasileiros que passaram pelo processo de privatização?

Monografia apresentada ao curso de Ciências Econômicas, como requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharel do Insper Instituto de Ensino e Pesquisa.

Orientadora: Profa. Dra. Camila Boscov – Insper

São Paulo
2019

Levy, Pedro Flores

Houve uma melhora contábil nos bancos que passaram pelo processo de privatização?

Pedro Flores Levy. – São Paulo, 2019

35 f.

Monografia: Faculdade de Economia e Administração.

Insper Instituto de Ensino e Pesquisa.

Orientadora: Profa. Dra. Camila Boscov

1. Privatização. 2. Bancos. 3. Brasil.

Pedro Flores Levy

HOUVE UMA MELHORA CONTÁBIL NOS BANCOS BRASILEIROS QUE PASSARAM PELO PROCESSO DE PRIVATIZAÇÃO?

Monografia apresentada ao curso de Ciências Econômicas, como requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharel do Insper Instituto de Ensino e Pesquisa.

Orientadora: Profa. Dra. Camila Boscov – Insper

EXAMINADORES

Profa. Dra. Camila Boscov
Orientadora

Profa. Dra. Adriana Bruscato Bortoluzzo
Examinadora

Prof. Dr. Vinícius De Bragança Müller e Oliveira
Examinador

Dedicatória

Gostaria de agradecer minha família e meus amigos que me apoiaram durante meu período de graduação. Também gostaria de agradecer aos professores que tive ao longo da minha graduação e a professora Camila Boscov que sempre me ajudou no desenvolvimento deste trabalho.

Agradecimentos

Agradeço à minha professora Camila Boscov, que me ajudou no desenvolvimento do tema e do estudo.
Agradeço ao professor Vinícius Müller pela disponibilidade em ser um membro da banca examinadora.
Agradeço a todos os professores que tive ao longo da minha trajetória no Insper que sempre se disponibilizaram em tirar minhas dúvidas.
Agradeço aos meus colegas de trabalhos que me ajudaram nesse processo.
Agradeço ao Insper, por disponibilizar uma excelente estrutura para usufruir durante os estudos e aulas.

Resumo

Este trabalho busca analisar se do ponto de vista contábil valeu a pena para os bancos BANESPA, BANESTADO e BANDEPE terem sido privatizados, ou seja, se após a privatização, os bancos descritos acima passaram a ter um melhor rendimento contábil. O cenário econômico brasileiro no momento das privatizações será levado em conta para realizar a análise. Analisando o lucro líquido, ROE e ROA, este estudo verificou que houve uma melhora contábil nesses bancos após o processo de privatização deles.
Palavras-chave: Privatização. Bancos. Rendimento contábil. Brasil.

Abstract

This paper seeks to analyze, from the accounting point of view, if it was worth it to BANESPA, BANESTADO and BANDEPE be privatized. That is, if after their privatization they became more profitable in terms of accountability. Brazilian economic scenario will be analyzed as well. Analyzing net profit, ROA and ROE, this paper concluded that the banks became more profitable from the accounting point of view after their privatization.
Keywords: Privatization. Banks. Accounting income. Brazil.

Lista de Ilustrações

Figura 1 – Privatizações durante a história brasileira e os presidentes dos períodos……13
Figura 2 - Bancos estaduais privatizados no Brasil……13
Figura 3 – Taxa de crescimento do PIB brasileiro entre 1993 e 2003……21
Figura 4 – Lucro líquido do BANDEPE……22
Figura 5 – Lucro líquido do BANESPA……23
Figura 6 – Lucro líquido do BANESTADO……24
Figura 7 – ROE do BANDEPE……25
Figura 8 – ROE do BANESPA……26
Figura 9 – ROE do BANESTADO……27
Figura 10 – ROA do BANDEPE……28
Figura 11 – ROA do BANESPA……29
Figura 12 – ROA do BANESTADO……30

Lista de Siglas

CVM – Comissão de Valores Mobiliários

ROA – Return over Assets

ROE – Return over Equity

Sumário

1. Introdução……10
2. Revisão de Literatura……14
3. Metodologia……18
4. Resultados……21
5. Conclusão……31
Referências……32

1. Introdução:

A transferência do controle de uma empresa do Estado para o poder privado é conhecida como desestatização, segundo Selene de Souza Siqueira. De acordo com o BNDES essa transferência pode ser feita, principalmente, por 6 métodos. São eles, privatização, a venda da empresa com passagem do controle dos ativos em definitivo; concessão, transferência por um prazo determinado; concessão comum, o responsável pelo serviço recebe uma tarifa cobrada do usuário e receitas administrativas como forma de remuneração; parceria público-privada (PPP), o responsável pelo serviço não recebe uma tarifa e as receitas administrativas são insuficientes portanto, há uma parte do pagamento feita pelo poder público; concessão administrativa, sem cobrança de tarifa para o usuário e pagamento integral do poder público; concessão patrocinada, cobrança de tarifa e parte do pagamento feito pelo poder público.

Atualmente, é comum ocorrer a privatização em situações que a empresa, o empreendimento ou o banco não estão gerando resultados suficientes para competir no mercado, não conseguem suprir a demanda com determinada qualidade ou o governo necessita enxugar suas contas e precisa de capital. Um dos primeiros casos dessa prática, no século XX, ocorreu na União Soviética em um conjunto de políticas econômicas conhecidas como NEP (Nova Política Econômica). Porém, essa não era uma prática comum para a época. Apesar de ao longo dos últimos anos processos de privatização terem se tornado cada vez mais corriqueiros na economia mundial, esse processo ainda causa divergências e debates.

De acordo com o site economics help, a privatização tem seus prós e contras. Com a privatização, a empresa pode aumentar seu rendimento, tornando-se mais eficiente, diminui a interferência política no comando, gera visões de longo prazo para a empresa, aumenta a pressão por parte dos acionistas para ter uma boa performance e cria um ganho de receita para o Estado pela venda da empresa, esses são alguns benefícios da privatização. Pelo outro lado a privatização cria uma espécie de monopólio privado onde apenas as melhores empresas irão permanecer, gera uma mudança do objetivo da empresa, do interesse da população para o

interesse monetário, cria uma fragmentação da indústria, leva à uma perda do ganho anual da empresa para o Estado, dentre outros.

Já o site Government Finance Officers Association em seu artigo “The Pros & Cons of privatization” explora, favorável a privatização, que a receita ganha pelo Estado com a venda de empresas torna-se um valor que pode ser usado para criação de obras que melhorem as cidades, além disso tem o fato de que as empresas privadas atraem investidores estrangeiros para o país e também traz uma redução de custos ao Estado. Como argumentos contrários à privatização, o artigo traz o fato de que o valor ganho pelo Estado com a venda da empresa acaba sendo menor do que quanto ela realmente vale por fatores como interesses políticos ou necessidade de se ter rapidamente o dinheiro, apenas o interesse do governo ser atendido com a venda, e com isso, deixando de lado o interesse público. E, em alguns casos, as associações privadas deixam de cumprir todos os pontos acordados. O site Netivist também cita, em pró da privatização, o fato de a qualidade do serviço melhorar e em contrapartida, a privatização faz com que serviços, como uma determinada linha de trem, deixem de atuar por não serem rentáveis financeiramente, mesmo sendo úteis para diversas pessoas. Em notícia publicada pelo Uol, Armando Castelar, chefe da área de Economia Aplicada do Ibre/FGV, comentou sobre o processo de privatização. Segundo ele, a privatização trás mais eficiência, menos corrupção, e empresas privadas tendem a ser melhor fiscalizadas.

Além dos pontos destacados acima, o Conselho de Intercâmbio Legislativo Americano (ALEC), mostra, com números que a privatização é benéfica. Segundo o ALEC, em 1994 o município de Wexford ao privatizar o seu serviço de emergência médica poupou de seus moradores US$300.000 em impostos e no norte de Boston, uma empresa privada que transforma o lixo em energia ao assumir a coleta de lixo no local fez com quem a cidade pagasse US$20 por tonelada de lixo enquanto que anteriormente, sob uma empresa do governo, a cidade pagava US$100. Já o The Public Interest, jornal americano focado em política pública, trouxe eventos que mostravam que a privatização trazia prejuízos para a sociedade. De acordo com eles, o abastecimento de água em Milwaukee ao tornar-se privatizado custou 59% a mais que o serviço público. E Atlanta, EUA, cancelou seu contrato de gerenciamento do sistema de água com uma companhia privada e passou a gerenciar, pelo fato de

que a água estava contaminada e pela baixa qualidade do serviço. Independente de pontos favoráveis ou contrários, algo que ficou bastante claro durante a história econômica foi que países desenvolvidos privatizaram com frequência empresas antes estatais em seus países, ou seja, tornou-se uma prática comum para os países desenvolvidos.

No Brasil, sob o governo de Fernando Henrique Cardoso, o processo de privatização tornou-se mais comum. Antes do seu governo, a maioria das grandes empresas dos setores de infraestrutura, energia, telecomunicações e bancos em geral, eram de propriedade do Estado. Isso se dava seja pela forma de governo proposta pelos então presidentes, como também pelo fato de ter ocorrido anos antes ao seu governo o Consenso de Washington, conjunto de medidas criado em 1989 em Washington e que tinham como objetivo, combater as crises econômicas presentes em países em desenvolvimento. Portanto, a partir desse governo até os dias atuais o processo de privatização está bastante presente no Brasil e de acordo com o BNDES, atualmente, mais de 100 empresas já foram privatizadas. Na tabela abaixo podemos verificar algumas privatizações que ocorreram no Brasil ao longo dos anos e os respectivos governantes que estavam no poder durante esses processos. Casos como o aeroporto de Guarulhos, as rodovias, entre outras que estão definidas como concessões, são situações em que o governo permite o direito de uso para determinada empresa, mas por um período de tempo pré-estabelecido. A principal diferença entre as privatizações e concessões, segundo a Câmara dos Deputados, é o fato que a privatização é a venda enquanto concessão é uma transferência temporária.

- **Collor (1990 – 1992):** 18 empresas públicas privatizadas. Principais: Usiminas e outras siderúrgicas.

- **Itamar (1992 – 1994):** Principais: Companhia Siderúrgica Nacional e Embraer.

- **FHC (1995 – 2002):** Principais: Sistema Telebras, Eletropaulo e Light, Banespa, Vale do Rio Doce. *Criação das Agências Reguladoras.

- **Lula (2003 – 2010):** *Concessões. Hidrelétricas de Santo Antônio e Jirau, BR-101, BR-381, BR-393, BR-153, BR-116/376.

- **Dilma (2011 – 2016):** *Ainda focada nas Concessões. Aeroportos de Guarulhos, Viracopos, Brasília, Galeão, Confins. Portos e Ferrovias.

Fonte:blog.maxieduca.com.br

Figura 1 – Privatizações durante a história brasileira e os presidentes dos períodos

Bancos Estaduais Privatizado	Ano de Privatização	Governo do Período
Banco Meridional do Brasil S.A.	1997	Fernando Henrique Cardoso
Banco BANERJ S.A.	1997	Fernando Henrique Cardoso
CREDIREAL - Banco de Crédito Real de Minas Gerais S.A.	1997	Fernando Henrique Cardoso
BEMGE - Banco do Estado de Minas Gerais S.A.	1998	Fernando Henrique Cardoso
BANDEPE - Banco do Estado de Pernambuco S.A.	1998	Fernando Henrique Cardoso
BANEB - Banco do Estado da Bahia S.A.	1999	Fernando Henrique Cardoso
BANESTADO - Banco do Estado do Paraná S.A.	2000	Fernando Henrique Cardoso
BANESPA - Banco do Estado São Paulo S.A.	2000	Fernando Henrique Cardoso
PARAIBAN - Banco do Estado da Paraíba S.A.	2001	Fernando Henrique Cardoso
BEG - Banco do Estado de Goiás S.A.	2001	Fernando Henrique Cardoso
BEA - Banco do Estado do Amazonas S.A.	2002	Fernando Henrique Cardoso
BEM - Banco do Estado do Maranhão S.A.	2004	Luiz Inácio Lula da Silva

Fonte:bcb.gov.br

Figura 2 – Bancos estaduais privatizados no Brasil

Na tabela acima, podemos ver quais foram os governos que privatizaram bancos estaduais brasileiros. Como dito anteriormente, foi sob o governo de Fernando Henrique Cardoso que a privatização se tornou comum no Brasil. E esse fato pode ser visto com na tabela, já que das 12 privatizações, 11 ocorreram durante o mandato de Fernando Henrique Cardoso.

O fato do Brasil viver um momento de perspectiva de melhora econômica e ter como presidente Jair Bolsonaro, que defendeu em sua campanha e a princípio está buscando privatizar diversas empresas como a Eletrobrás, segundo o jornal Valor, o TCU (Tribunal de Contas da União) já liberou o edital de privatização das distribuidoras da Eletrobrás, faz com que os prós e contras da privatização voltem à tona. Aliado a isso, estão as diferentes visões propostas pelos últimos presidentes

do país em relação a como é a forma ideal de gerir as empresas que são do poder do Estado, seja manter elas assim ou torná-las privadas.

Portanto, a privatização é um assunto interessante para se discutir no cenário atual brasileiro, pois é um momento em que o governo de Jair Bolsonaro busca, a princípio, equilibrar as contas públicas, sendo a privatização uma forma de gerar receita para o governo. E também, a volta do interesse estrangeiro em investir no Brasil, então, faz com que a privatização seja algo possível de acontecer no curto prazo.

Dessa forma, o objetivo desse trabalho é verificar se os bancos BANESPA, BANESTADO e BANDEPE, após o processo de privatização, melhoraram do ponto de vista contábil, e consequentemente passaram a ter um rendimento melhor. O trabalho será feito apenas no setor bancário brasileiro com os bancos ditos acima e irá analisar se realmente vale a pena para os bancos estatais tornarem-se privados, sem entrar no mérito político.

2. Revisão de Literatura:

De acordo com John B. Goodman e Gary W. Loveman (1991), em décadas anteriores à 1980 os governos ao redor do mundo aumentaram a magnitude de suas atividades, trazendo para si construções que antes foram feitas por iniciativa privada, como rodovias, e também, passaram para o poder do governo indústrias, bancos e sistema de saúde. Após esse período começaram a aumentar os defensores da privatização, que diziam que a mudança da governança das empresas, do público para o privado, iria trazer melhorias como, uma eficiência e qualidade dos governos em suas remanescentes atividades, redução de impostos e o tamanho do governo também seria menor. Com isso, durante a década de 1990, a privatização tornou-se um fenômeno econômico global. Ao redor do mundo, as empresas passaram a ser controladas por iniciativa privada. Prova disso foi que ao final da década de 1980 a venda de empreendimentos por parte dos governos gerou uma receita de US$185 bilhões, e só no ano de 1990 governos ao redor do mundo venderam US$25 bilhões. Ao longo desse estudo chegam à conclusão que o certo é achar uma solução em como privatizar de modo que a sociedade e o novo modelo da empresa tenham

ganhos e não apenas privatizar a empresa e esquecer as consequências, positivas e negativas, que irá gerar para a sociedade e para a companhia. Giambiagi e Pinheiro (1994) listam através de dados econômicos históricos brasileiros que é conveniente para que se faça privatizações no Brasil. Ao analisar o programa de privatização, José Coelho Matos Filho e Carlos Wagner A. Oliveira (1996) mostram com dados históricos, os efeitos que as privatizações geraram micro economicamente para o Brasil, os recursos financeiros obtidos após o processo, e que a privatização é algo positivo, gerando receitas para o Estado e melhorias operacionais e financeiras para essas empresas. Porém, Catapan (2005) conclui que com base em testes estatísticos não é possível afirmar que a privatização trás retornos positivos aos acionistas. Portanto, cria-se um dilema em qual deve ser a ação a ser tomada nesses casos. Como podemos ver, esse assunto traz artigos com pontos para ambos os lados mostrando que não é uma opção simples a ser tomada por parte do governo.

Em seu artigo, Eduardo de Camargo Oliva (2002) descreve os reflexos das privatizações no setor siderúrgico e nos mostra que após a privatização, as empresas passaram por reformulações internas deixando seus modelos operacionais mais enxutos, visando uma forma de operar que traga um maior lucro possível. Essa é uma tendência que pode ser vista com esse estudo para as empresas após o processo de privatização. Enquanto isso, Bruno dos Santos Silvestre, Jeremy Hall, Stelvia Matos e Luiz Augusto Pereira de Andrade Figueira (2010) analisaram empresas, públicas e privadas, do setor de energia elétrica do nordeste brasileiro e verificaram que do aspecto financeiro, a privatização foi benéfica para as empresas, mas em relação aos aspectos técnicos, qualidade do serviço ao consumidor, a privatização não trouxe melhorias significativas. Aliado a essa mudança no modelo de gerir essas empresas que passaram pelo processo de privatização, Edison Benedito da Silva Filho (2015) mostra em seu estudo que o investimento estrangeiro direito aumentou no Brasil entre 2003 e 2013, tendo os setores de mineração e siderurgia como sendo os que mais receberam esse tipo de investimento.

Isabela Soares de Lima e Denílson Queiroz Gomes Ferreira (2012) mostram, comparando com outros países, o quanto o Estado participa e participou do sistema

bancário brasileiro ao longo dos governos no período de 1996-2006. É possível verificar através desse estudo que a participação do Estado no sistema bancário era algo comum em diversos países, mas que ao longo dos anos a participação foi diminuindo. Também podemos concluir que a participação do governo ficou em apenas segmentos estratégicos e que a diminuição da participação estatal foi bem-sucedida com base em dados. Chegando a uma conclusão parecida, Ricardo Borges Gama Neto (2011), analisando a forma que o governo do Fernando Henrique Cardoso lidou com questões deixadas pelo governo anterior, Ricardo Borges Neto (2011) conclui que, no geral, as mudanças, como a privatização, foram benéficas para a sociedade. Elder Linton Alves de Araujo (2001) ao estudar a reestruturação dos bancos brasileiros após reestruturação do sistema financeiro do Brasil, maior abertura econômica e a volta do Brasil aos fluxos de capitais internacionais, verificou que os bancos privados, incluindo os que passaram por processo de privatização, ajustaram-se mais rapidamente as mudanças, enquanto que os estatais tiveram que passaram por reestruturações internas. Em uma linha contrária das descritas acima, Ivoir da Luz e Sandra Lúcia Videira analisando os bancos brasileiros privatizados, concluíram que a privatização limitou o capital para um grupo restrito de bancos, fazendo com que instituições financeiras pequenas diminuíssem consideravelmente e buscou limitar, a priori, o capital estrangeiro, e segundo Ivoir da Luz e Sandra Lúcia Videira, esses são pontos negativos que a privatização causou.

Focando no setor bancário, Ghosh (2016) verificou a performance financeira e operacional dos bancos indianos, através de regressões. O efeito que a privatização gerou, foi uma queda em termos de emprego, proficiência e vendas. Por outro lado, Manju Rajan Babu e Ashok Kumar M. (2018) analisaram os efeitos da privatização e nacionalização nos bancos indianos. Selecionaram alguns índices contábeis como ROA, ROE e lucro operacional para medirem a eficiência dos bancos. Com isso, verificaram que com a privatização, alguns bancos se tornaram mais eficientes no processo de empréstimo. Outros, a melhora pode ser vista de uma maneira geral. Também foi possível verificar, que após a privatização, todos os bancos indianos melhoraram sua produtividade e rentabilidade. No mercado indiano, os autores também chegaram à conclusão que a nacionalização dos bancos afetou, consideravelmente, a performance dos bancos em relação ao market capitalization, ativos e equity. Portanto, chegaram a uma conclusão, de um modo geral, diferente

da de Ghosh (2016). Chegando a uma conclusão parecida, Thorsten Beck, Robert Cull e Afeikhena Jerome (2005), através de uma regressão que representa a performance, ROE e ROA concluem que a privatização foi benéfica para os bancos nigerianos, mesmo o país apresentado instituições e cenário macroeconômico fracos.

Sana Mohsni e Isaac Otchere (2014) focaram no tema sobre privatização de bancos, mas por uma outra visão, analisaram a tomada de risco dos bancos no pré e pós privatização usando regressão. Os autores chegam à conclusão que os bancos antes de passarem pela privatização era mais arriscado para os clientes do que após o processo de transferência de comando. William L. Megginson (2005) foi além, junto com a análise das performances dos bancos, expôs os fatores que levaram os governos a privatizarem os bancos. O autor concluiu que para privatização dar certo não é apenas a mudança de controle da gestão, é necessário estar em um ambiente econômico adequado e favorável. Fernando Montes-Negret e Luca Papi (1996) decorrem sobre o programa polonês de reestruturação dos bancos e empresas. E verificam que o programa polonês foi positivo, as operações ficaram mais eficientes e as empresas tiveram novas oportunidades de mercado. Analisando a privatização dos bancos no Egito, Mahmoud Mohieldin e Sahar Nasr (2007) determinam em seu estudo que apesar do sistema bancário egípcio ainda ser predominantemente público, o market share desses bancos diminuiu e os privatizados apresentaram maior eficiência.

Então, o fato de as empresas e bancos buscarem ter o melhor resultado financeiro, acaba atraindo investimentos estrangeiros, pois os investidores de fora olham esses empreendimentos nacionais como uma oportunidade de investimento que dará rentabilidade. Apesar do interesse descrito acima por parte dos investidores estrangeiros, fatores como, cenário político e econômico do país, são levados em conta por eles também e muitas vezes acaba diminuindo ou até mesmo inviabilizando o investimento de fora.

Como podemos ver, alguns artigos tratam sobre o tema da privatização no Brasil com um foco mais histórico, já este estudo busca esclarecer o tema da privatização relacionado a fatores contábeis.

3. Metodologia:

Para a realização deste estudo foram selecionados os bancos Banespa, Banestado e Bandepe. Os critérios escolhidos para selecionar esses bancos foram o fato de já terem passado pelo processo de privatização, terem seus balanços patrimoniais disponíveis para consulta e pertencerem ao mesmo setor o que possibilita fazer uma análise geral igual para todos, ou seja, interferências no cenário macroeconômico brasileiro e também no setor trará a mesma consequência para todos. Já a escolha do setor foi com base no fato de ser um setor relevante da economia e por possuir bancos que já foram estatais e que se tornaram privados. E para o trabalho serão analisados os 3 anos antes da privatização e os 3 posteriores.

O Banco do Estado de São Paulo S/A (Banespa), foi criado em 1909 com o nome de Banco de Crédito Hipotecário e Agrícola de São Paulo durante o governo de Manoel Joaquim de Albuquerque Lins, governador de São Paulo. Porém, foi sob o governo anterior, de Jorge Tibiriçá Piratininga, que houve a iniciativa da criação do banco, pois sob sua gestão foi aprovada uma lei que garantia juros de 6% ao ano, em ouro, para algum banco que fosse criado na capital e que realizasse operações de crédito hipotecário a lavoura. Em 1926 é aprovada a mudança de nome para tornar-se Banespa. O Banespa teve um importante papel para o Estado de São Paulo, pois em 1932 com a revolução Constitucionalista, o Banco do Brasil fecha suas portas no Estado de São Paulo e pede para que os demais bancos tirem seus depósitos do estado. Com isso, o Estado de São Paulo acaba criando sua própria moeda e o órgão responsável pela distribuição é o Banespa. Na década de 1950 o Banespa passa a ter um importante papel na indústria cinematográfica brasileira, financiando quase 80% da produção. E durante o Plano de Ação de Juscelino Kubitscheck, o Banespa passa a financiar obras de melhoria para as cidades. Dito isso, podemos ver a importância que o banco teve para o estado e também para o Brasil. Em 2000, sob o governo de Fernando Henrique Cardoso, o processo de privatização do Banco Banespa é finalizado e ele passa a ser do banco espanhol Santander.

O Banco do Estado do Paraná S/A (Banestado), foi criado em 1928 sob o governo de Afonso Alves de Camargo, com o objetivo de manter o capital do

Tesouro Estadual e de auxiliar com os ganhos vindos das produções da agricultura, indústria e comércio do Paraná. Em 1935, o banco continua com o mesmo objetivo, mas focado na produção de madeira. A consolidação do banco veio em 1961 quando o governo decide criar uma política de industrialização e desenvolvimento de infraestrutura e o Banestado passa a auxiliar nesses projetos e 6 anos depois acaba adquirindo o Banco do Paraná S.A. Expandindo suas atividades, implementou em 1969 a Carteira de câmbio, assim, incentivava o comércio Em 1975, a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu, localizada na fronteira do Brasil com o Paraguai, teve ajuda do Banestado. Em 1996, um gerente de cambio do Banestado foi acusado, e assumiu, ter realizado uma remessa ilegal de dinheiro para o exterior. Em 2003 foi criada uma CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito), para investigar a retirada de dinheiro de contas do Banestado para paraísos fiscais, no que ficou conhecido como Escândalo do Banestado. No ano de 2000, o Banestado foi privatizado e passou a ser do Banco Itaú. Por causa das investigações no ano de 2003 o balanço patrimonial do banco paranaense, para esse ano, ficou comprometido e para não ter valores que comprometam a análise, resultados que não expressem a performance real do banco, é necessário desconsiderar o ano de 2003 para o BANESTADO. O BANESTADO, mesmo com o escândalo, é útil para a análise pois após leituras de notícias e relatórios, verificou-se que as remessas ilegais de dólares transferidas ao exterior foram feitas durante ambos os períodos, com isso, essa questão não interfere na análise de forma geral.

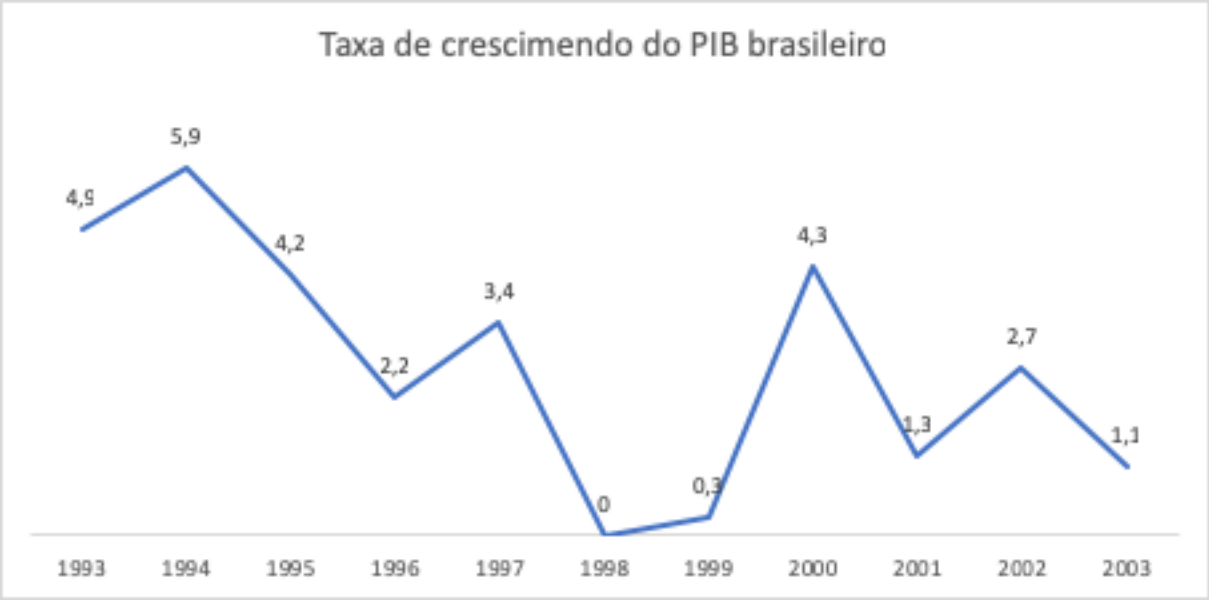
O Banco do Estado de Pernambuco (Bandepe), foi criado em 1966 sob o governo de Nilo Coelho. Inicialmente chamado como Banco de desenvolvimento do Estado de Pernambuco, tinha como objetivo estimular a expansão do parque industrial no estado, através de novas indústrias e da modernização e crescimento das já existentes. Após alguns anos, o Bandepe deixou de atuar apenas como um banco focado no desenvolvimento industrial e passou a atuar com maior intensidade no mercado financeiro. O Bandepe possibilitou que pequenos municípios no interior de Pernambuco tivessem um sistema bancário, já que outros bancos não tinham interesse de ir para esses locais, acreditando ser irrelevante. Portanto, o Bandepe também teve um papel importante na modernização desses municípios, facilitando a vida dos moradores. No final do século XX, o Bandepe sofreu um processo de intervenção do Banco Central do Brasil. E em 1998, sob o governo do presidente

Fernando Henrique Cardoso, o Bandepe foi privatizado e passou a ser do ABN/AMRO, que em 2008 foi comprado pelo Santander. O curioso na privatização do Bandepe é que o ABN/AMRO era o único interessado em sua aquisição, isso ocorreu pelo fato de que parte de seu crédito tributário estava explicitado no seu Patrimônio Líquido, então gerou um enorme esforço para conseguir realizar sua venda.

Em relação aos índices contábeis para as análises, serão usados os seguintes índices: resultado do exercício das empresas, ou seja, o lucro líquido, o ROE e o ROA. A escolha foi feita pelo fato de serem índices que mostram o desempenho dos bancos e por já terem sido usado no trabalho de Bruno dos Santos Silvestre, Jeremy Hall, Stelvia Matos e Luiz Augusto Pereira de Andrade Figueira (2010). E em relação ao ROE e ROA, a escolha foi feita por serem índices bastante usados pelo setor financeiro para realizar análises de desempenho e também por ter sido usado no trabalho de Thorsten Beck, Robert Cull e Afeikhena Jerome (2005). Outras questões a serem levadas em conta para chegar as conclusões são o cenário econômico brasileiro no momento das privatizações e nos anos anteriores e posteriores, e se houve algo anormal no balanço das empresas através da leitura dos relatórios da administração. Com isso, uma melhora pode estar relacionada a eventos externos, não necessariamente a privatização.

4. Resultados:

Após a descrição e um breve histórico dos bancos, é o momento para realizar as análises dos índices e verificar as conclusões a serem tiradas. Primeiramente, é necessário observar o histórico do PIB brasileiro ao longo desse período para entender qual era o cenário econômico do Brasil.



Fonte: IBGE/IPEA/Banco Central

Figura 3 – Taxa de crescimento do PIB brasileiro entre 1993 e 2003

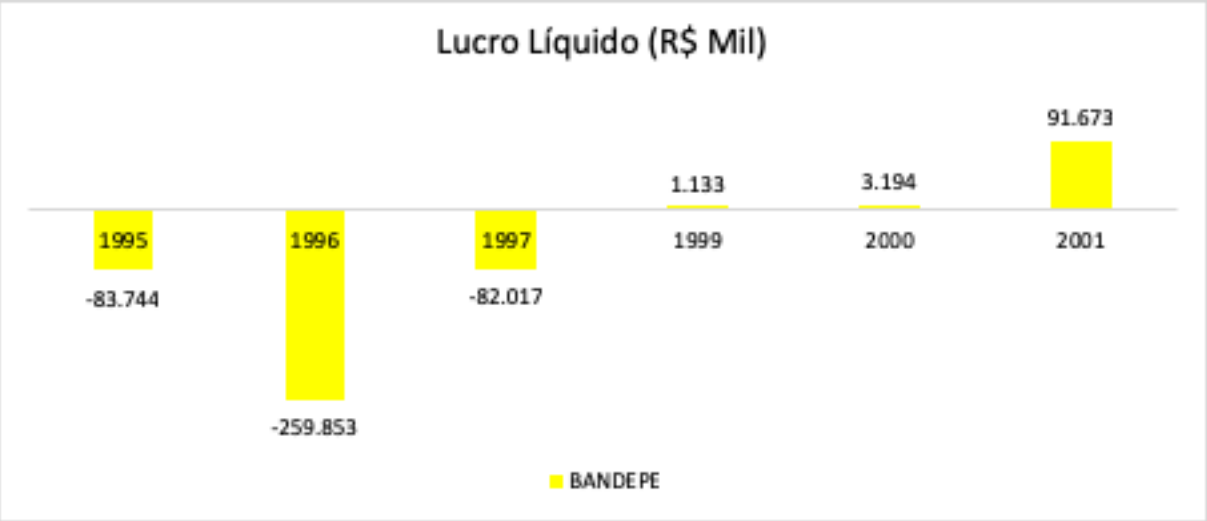
Analisando a taxa de crescimento do PIB brasileiro, é possível verificar que durante esse período de 10 anos, a taxa variou bastante. Os valores também indicam que o Brasil viveu um período de recessão, em alguns momentos, mas também de expressivo crescimento, especialmente nos anos de 1994 e 2000. Cenários com alta taxa de crescimento do PIB traz consequências positivas na economia e sociedade do país. Nesse cenário, a economia brasileira cresce, tem-se mais dinheiro disponível e a população aumenta seu consumo. Para os bancos também é favorável pois a atividade econômica do país fica aquecida. Portanto, apresenta um ambiente favorável para a privatização.

Em 1998, ano em que o BANDEPE foi privatizado, o PIB brasileiro não apresentou um crescimento, com isso, o cenário econômico brasileiro não foi um possível fator determinante para mudanças em seus índices. Já em 2000, ano em

que o BANESPA e o BANESTADO foram privatizados, o Brasil apresentou uma expressiva taxa de crescimento de seu PIB, isso traz um cenário positivo para a privatização do BANESPA e do BANESTADO.

Após analisar o cenário econômico que o Brasil enfrentava, é o momento de analisar os bancos. Por ter sido privatizado anteriormente aos outros dois, sua análise será feita primeiro.

Conforme o Market Business News, lucro líquido é o quanto de dinheiro restou para a empresa, em um período contábil, depois que todos os custos, despesas, juros e impostos foram descontados dos valores recebidos.

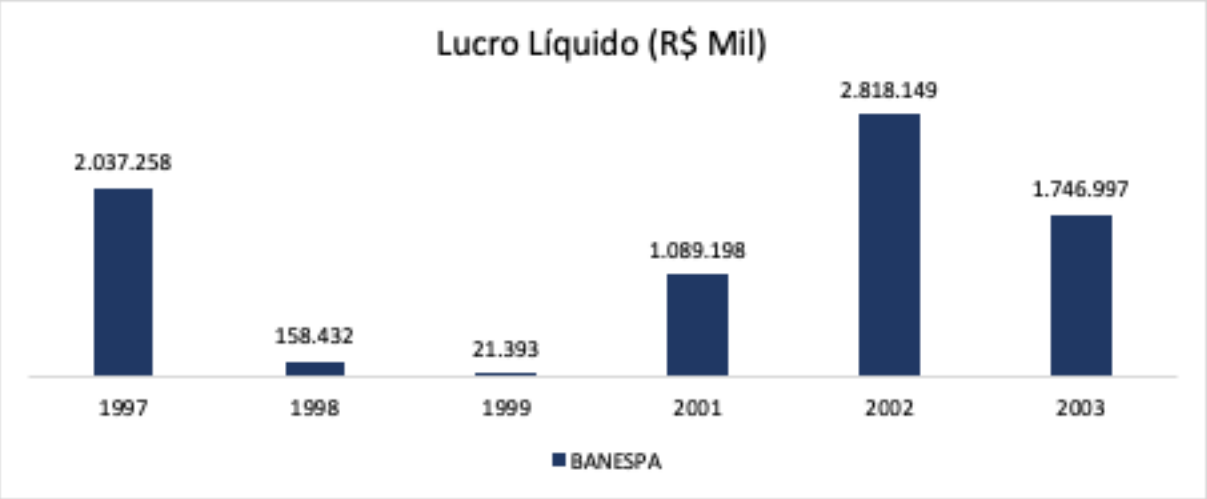


Fonte: CVM

Figura 4 – Lucro líquido do BANDEPE

Primeiramente, analisando o lucro líquido do BANDEPE antes de sua privatização, mesmo com um cenário de crescimento brasileiro, o banco não teve um desempenho favorável, portanto, um lucro líquido negativo foi reflexo da própria atividade do banco de Pernambuco. Isso fica claro no ano de 1997 em que o Brasil teve um crescimento de 3,4%, mas o BANDEPE um lucro líquido negativo de R$ 82.017.000,00. Após sua privatização, vemos uma melhora considerável em seu lucro líquido. Os 3 anos em sequência da sua privatização foram marcados por crescimentos e mesmo com um baixo crescimento brasileiro em 1999 e 2001, o BANDEPE teve um desempenho favorável.

O fraco desempenho no período pré-privatização ocorreu pois o banco apresentou elevadas despesas de pessoal, outras despesas operacionais e uma queda em operações de crédito, assim, gerou resultados negativos. Após a privatização, o grande destaque ficou para o aumento dos resultados de operações com títulos de valores mobiliários, a diminuição nas despesas de pessoal e outras despesas operacionais, ambas dentro de despesas operacionais e a melhora em operações de empréstimos, cessões e repasses. Portanto, em relação ao lucro líquido, vemos que após a privatização houve uma melhora da performance do BANDEPE.

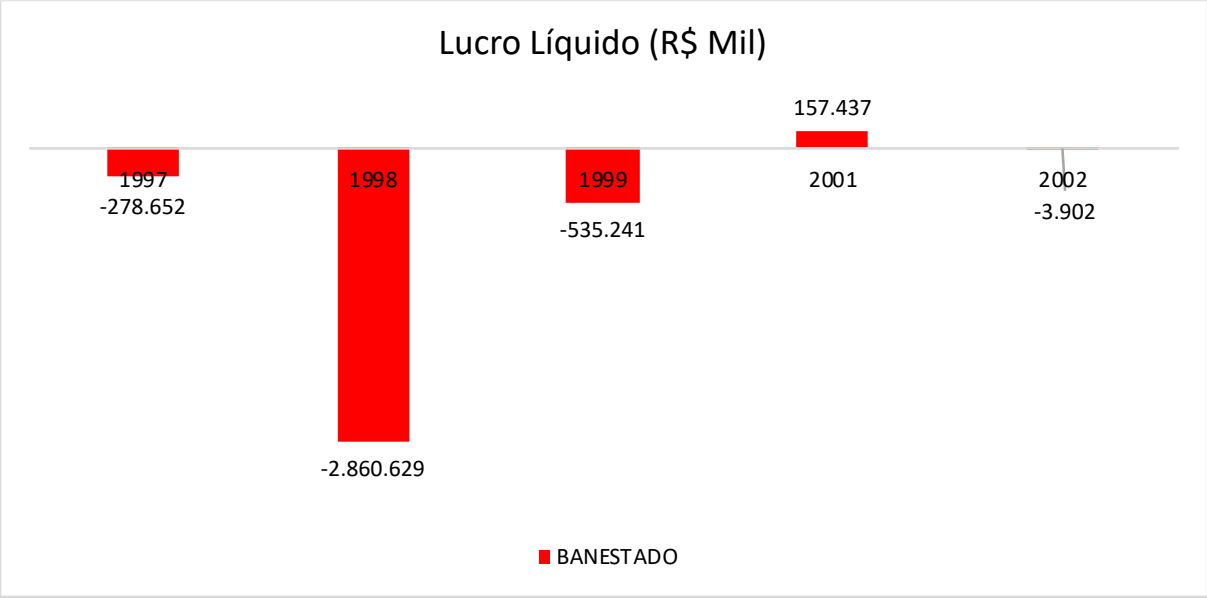


Fonte: CVM

Figura 5 – lucro líquido do BANESPA

No BANESPA, o cenário de evolução também é visível. Nos 3 anos antes da privatização, marcados por uma variação do PIB, o banco paulista teve uma performance que foi decrescendo. Isso se deu porque o banco paulista teve uma queda nas operações de crédito e resultados de operações com títulos de valores mobiliários, que compõem a receita do banco. O aumento de despesas de pessoal e outras despesas operacionais, dentro das despesas operacionais contribuíram para a queda de desempenho. Após a privatização, o banco apresentou uma significativa melhora em seu lucro líquido, alcançando, em 2002, o seu melhor desempenho desses 6 anos analisados. Essa performance foi consequência do crescimento de

operações compulsórias, dentro de sua receita, e aumento de receitas de prestação de serviços, que se enquadra em outras receitas operacionais. O crescimento do PIB brasileiro em 2002 foi de 2,7%, ou seja, apesar do cenário brasileiro ter sido favorável, a privatização impulsionou o desempenho do BANESPA. Assim como para o BANDEPE, a privatização foi benéfica aos BANESPA, na análise do lucro líquido.

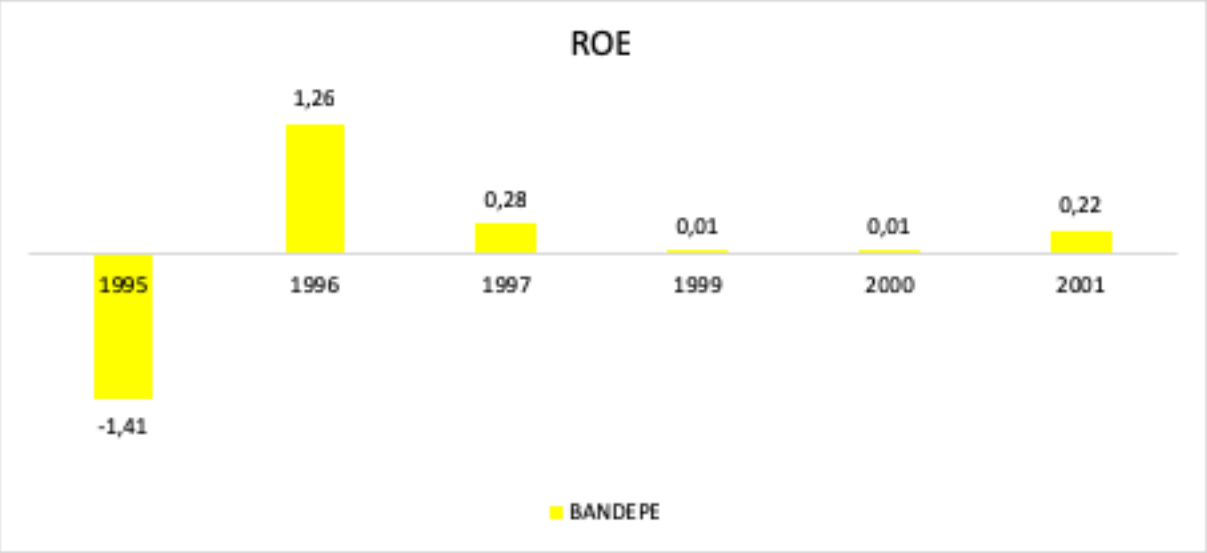


Fonte: CVM

Figura 6 – Lucro líquido do BANESTADO

O caso do BANESTADO é parecido com o BANDEPE, antes da privatização tinha um lucro líquido negativo e após, tornou-se positivo, mostrando uma clara evolução pós privatização. O lucro líquido negativo antes da privatização ocorreu em detrimento de quedas em suas receitas, principalmente em operações de crédito e aplicações compulsórias. No período posterior a privatização, os resultados obtidos pelo banco foram gerados por uma queda nas despesas de intermediações financeiras e das despesas operacionais, principalmente a linha de outras despesas operacionais. Reforçando o argumento de que a privatização foi benéfica ao banco paranaense. Além disso, outro argumento dos defensores da privatização que é reforçado nessa análise é de que com a privatização, o banco fica mais eficiente, diminuindo suas despesas.

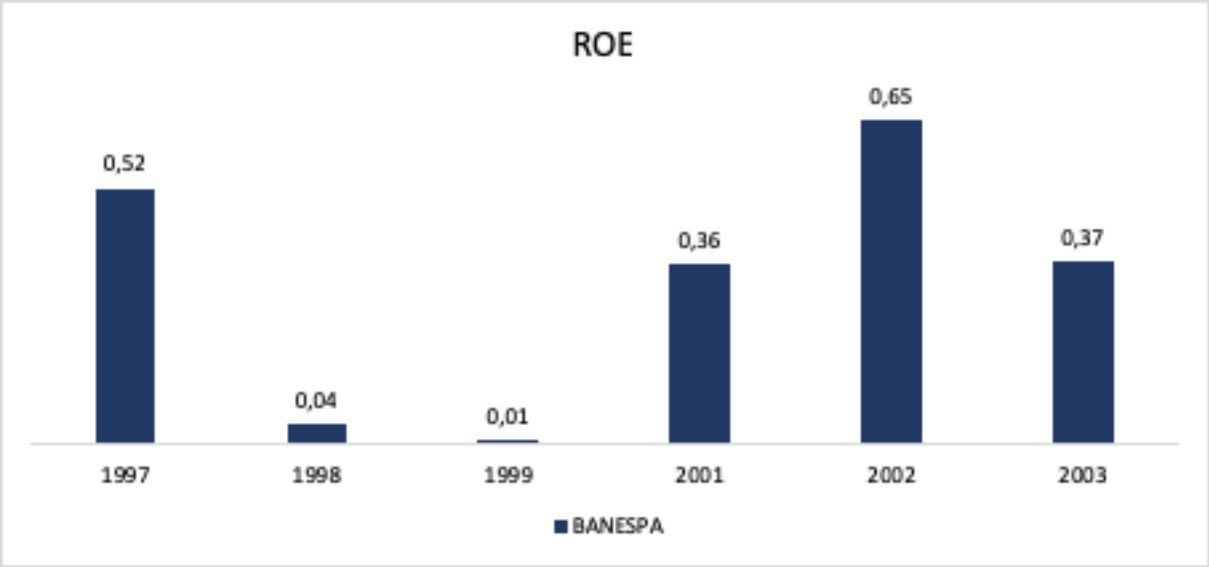
De acordo com o Corporate Finance Institute, o ROE mede a rentabilidade do banco em relação ao patrimônio líquido dele. Ao analisar o ROE dos bancos podemos ver que, por depender do lucro líquido também, ele segue um padrão parecido com a análise anterior.



Fonte: CVM

Figura 7 – ROE do BANDEPE

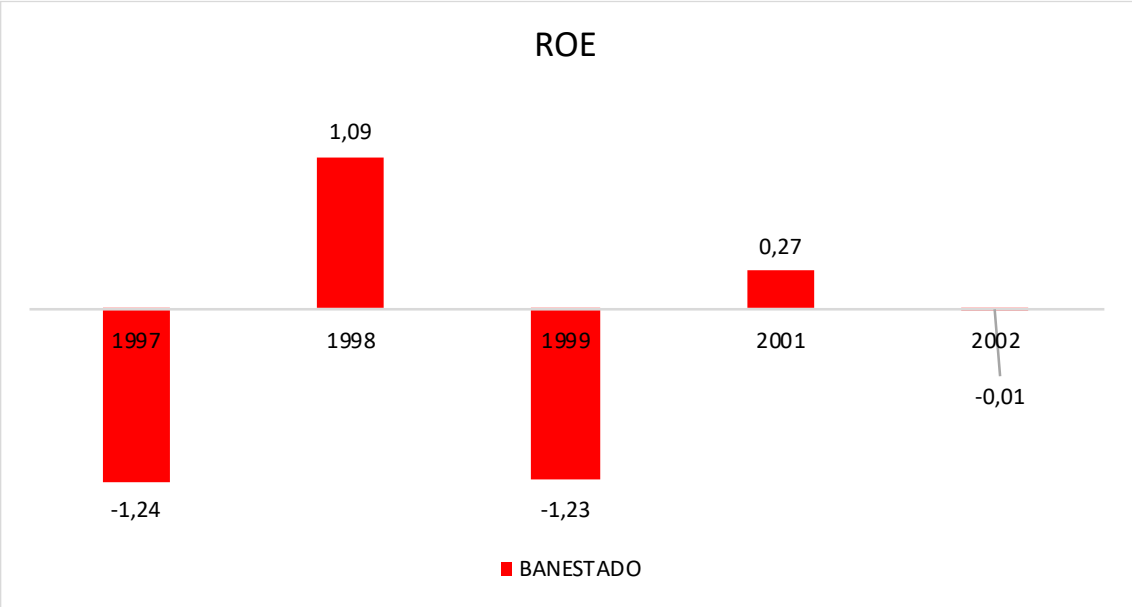
Primeiramente, analisando o BANDEPE, simplesmente pelo gráfico tem-se a impressão de que apenas o ano de 1995 foi ruim. Porém, por depender do lucro líquido e do patrimônio líquido, a análise pode tornar-se enganosa para os anos de 1996 e 1997. Nesses anos, o banco teve uma performance muito negativa. Assim, com o lucro líquido negativo e o patrimônio líquido também, o ROE acaba sendo positivo, mas por trás desse valor está uma situação complicada para o banco pernambucano. Portanto, nos anos 1996 e 1997 o ROE não mostra a rentabilidade real do banco, sendo assim, insignificante. Isso ocorreu pois nos períodos antes da privatização, o banco do Estado de Pernambuco apresentou quedas em suas reservas de avaliação e de lucro, a ponto dos prejuízos líquidos obtidos em 1996 e 1997 serem maiores e mais impactantes tornando o patrimônio líquido negativo. Por outro lado, no pós-privatização as ações ordinárias aumentaram o capital social do BANDEPE, dessa maneira, tiveram um maior patrimônio líquido. E por ter crescido mais que o lucro líquido, o ROE de 1999 e 2000 não foi muito impactante, mas se comparado com o período antes da privatização houve uma melhora. Comprovando a melhora com a privatização.



Fonte: CVM

Figura 8 – ROE do BANESPA

O caso do BANESPA é diferente do BANDEPE, em todos os anos analisados, o banco paulista apresentou lucro líquido e patrimônio líquido positivos, sempre apresentando resultados atraentes. A rentabilidade segue um modelo parecido com o lucro líquido, o ano de 1997 o banco apresentou um ROE alto por ter tido um bom resultado líquido. Depois, nos anos 1998 e 1999, a queda do lucro líquido fez com que o ROE diminuísse porque o patrimônio líquido se manteve, de uma maneira geral. Após a privatização o banco paulista teve um desempenho melhor, causado pelo aumento do lucro líquido do período, de 2001 até 2003, e por um aumento de reservas de lucros legais no patrimônio líquido. Logo, percebe-se que a privatização foi benéfica para o banco paulista.

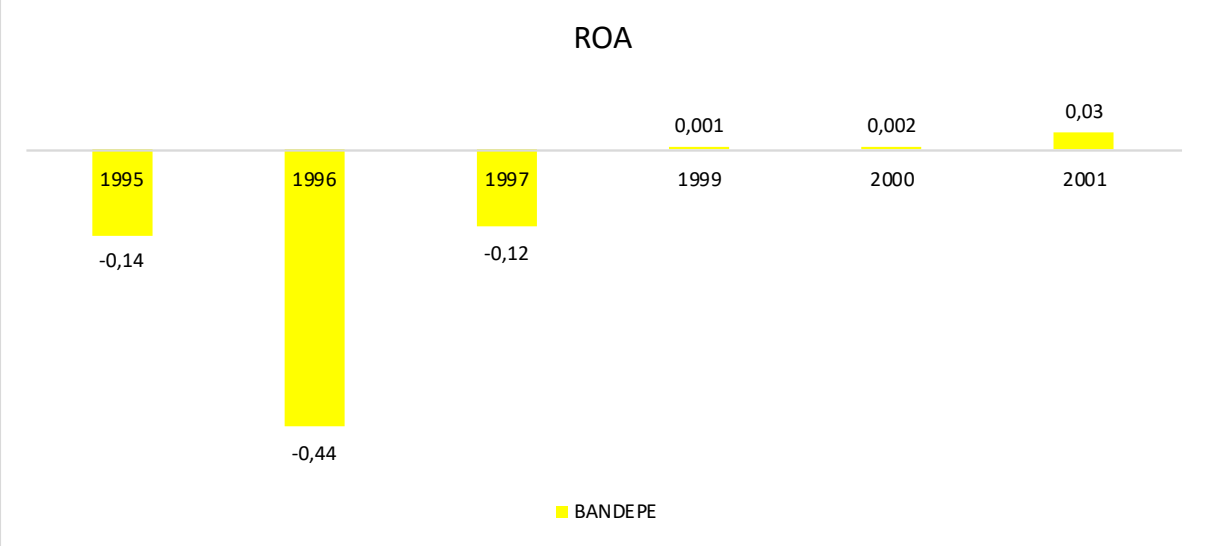


Fonte: CVM

Figura 9 – ROE do BAESTADO

O ano de 1998 no BANESTADO ocorreu a mesma situação descrita anteriormente com o BANDEPE, o resultado líquido e o patrimônio líquido foram negativos, portanto, esse ano acaba sendo insignificante pois não demostra a verdadeira rentabilidade para o período. Em 1997 e 1999 o banco apresentou ROE negativo e bem parecidos. Isso ocorreu, pois em 1999 mesmo com um aumento do patrimônio líquido, em destaque o crescimento do capital social, o prejuízo do exercício também aumentou. Em 2001 e 2002, o banco paranaense teve um crescimento significativo de suas reservas de lucro, dessa maneira o patrimônio líquido também aumentou. Porém, em 2002 o BANESTADO apresentou prejuízo líquido, gerando um ROE negativo. No caso do BANESTADO, não houve uma melhora expressiva no ROE após a privatização, porém, em 2002 mesmo apresentando um ROE negativo, o índice foi melhor que nos anos pré-privatização.

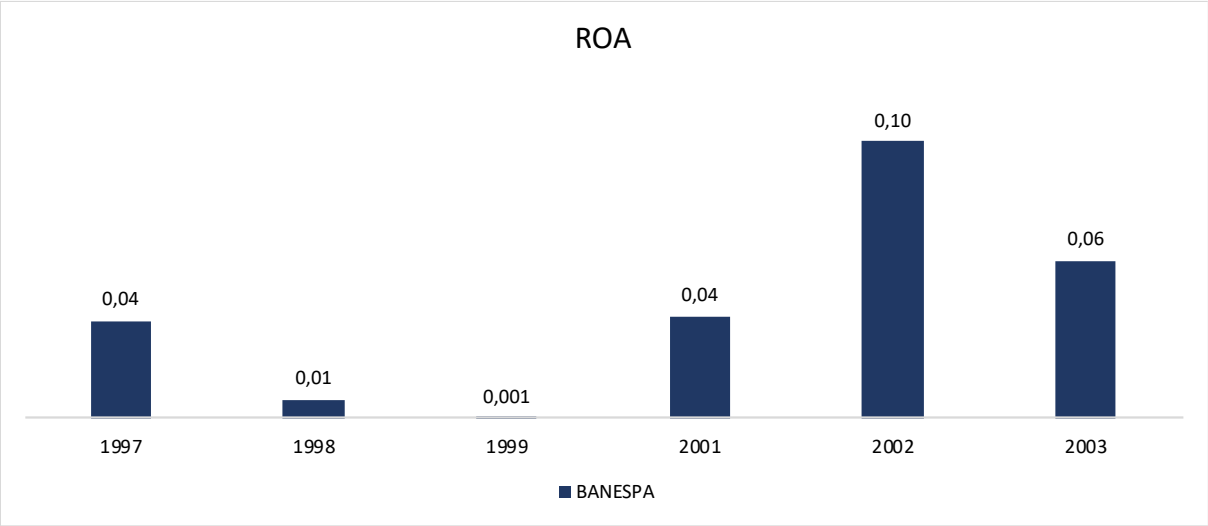
Segundo o Investopedia, o ROA mostra o quão rentável é uma empresa ou banco em comparação aos seus ativos. Esse índice mostra o quão eficiente a companhia está sendo usando seus ativos para gerar ganhos, ou seja, a porcentagem de lucro da empresa em relação aos seus ativos.



Fonte: CVM

Figura 10 – ROA do BANDEPE

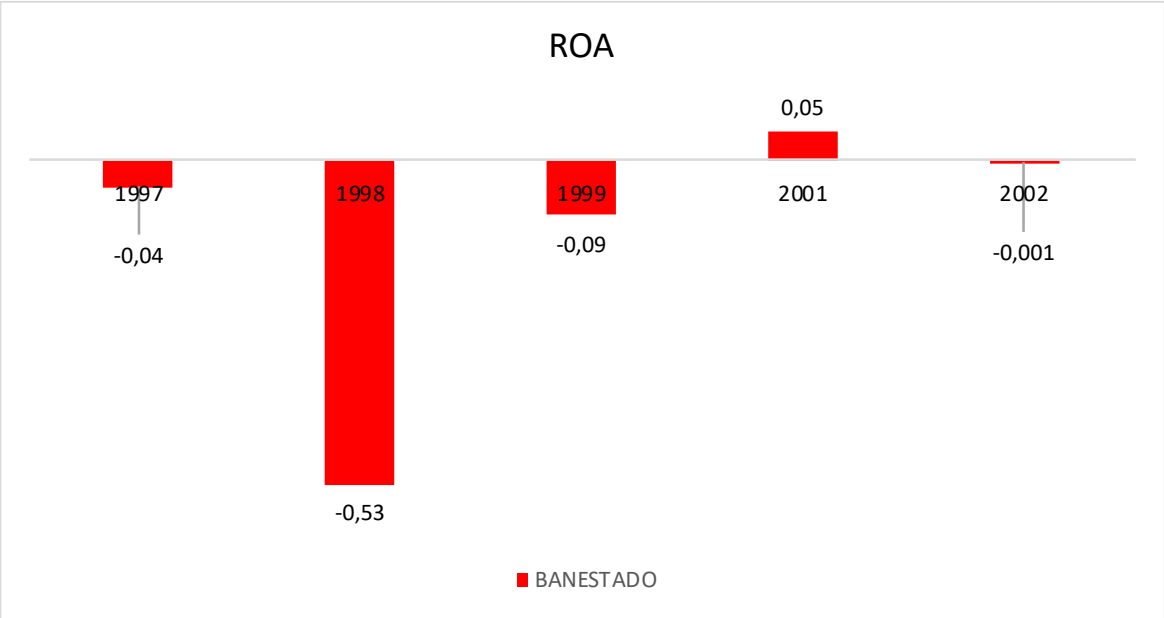
Analisando o ROA do BANDEPE, vemos que no período anterior a privatização o banco do Estado do Pernambuco não estava apresentando um desempenhando eficiente a ponto de seus ativos gerarem ganhos. Isso se deu pois nesse período, de 1995 até 1997, o BANDEPE teve um resultado líquido negativo além disso, o banco teve uma queda em seus ativos com destaque nas aplicações em operações compromissadas, em títulos e valores imobiliários, em aplicações em depósito interfinanceiro e em operações de crédito. Após a privatização, a performance do banco foi positiva, marcada por um crescimento. Além do crescimento do lucro líquido, o BANDEPE também aumentou seus ativos, principalmente os ativos circulantes em especial títulos e valores mobiliários, aplicações em operações compromissadas e relações interfinanceiras. O crescimento demasiado dos ativos e do lucro líquido acabou melhorando a performance do banco pernambucano, tornando-o mais eficiente em relação aos seus ativos, portanto, após a privatização o banco conseguiu usar de um modo mais eficiente seus ativos, gerando melhores resultados.



Fonte: CVM

Figura 11 – ROA do BANESPA

No período anterior a privatização, o BANESPA teve uma diminuição significativa em seu lucro líquido, como dito anteriormente, mas seus ativos também diminuíram, principalmente as relações interfinanceiras e as relações interdependências. Essas duas mudanças geraram uma queda na rentabilidade do banco, ou seja, foi perdendo a sua eficiência. O grande crescimento do ROA pós privatização se deve pelo crescimento do lucro líquido, mas os ativos também cresceram, em especial as aplicações em depósitos interfinanceiros. Os anos de 1997 e 2001, em que o banco do Estado de São Paulo teve o mesmo ROA, tiveram desempenhos diferentes. Em 1997 o banco apresentou mais ativos enquanto em 2001 apresentou um melhor resultado líquido. Logo, de uma maneira geral comparando os anos, vemos que a privatização causou uma melhora da eficiência do banco paulista com seus ativos.



Fonte: CVM

Figura 12 – ROA do BANESTADO

A eficiência do BANESTADO teve uma queda durante o período anterior a privatização, pois o lucro líquido foi diminuindo. Olhando seus ativos, a queda se deu nas aplicações interfinanceiras de liquidez, títulos e valores mobiliários vinculados ao Banco Central, relações interfinanceiras e operações de créditos. Mas pela queda do lucro líquido ter sido mais acentuada, a eficiência do banco piorou. No período pós privatização, não houve um crescimento expressivo dos ativos, com exceção das relações interfinanceiras de longo prazo que aumentaram. Em 2001 foi positivo, logo, gerou uma eficiência do banco do Estado do Paraná. Mas em 2002, com um prejuízo líquido e o aumento das relações interfinanceiras de longo prazo o BANESTADO não apresentou a eficiência do ano anterior. Dessa maneira, assim como o ROE, a privatização foi benéfica para o banco, porém, não na mesma proporção dos outros dois bancos.

5. Conclusão:

Nos anos 1990, o Brasil passou por diversas privatizações. Além disto, a segunda metade dessa década e início da década de 2000 ocorreu uma onda de privatizações de bancos estaduais brasileiros. Com essas privatizações, cresceu o debate se a privatização é benéfica para os bancos e empresas. A eleição de Jair Bolsonaro, presidente brasileiro com discurso e pensamento favorável ao tema, fez com que o assunto voltasse à tona.

Apesar de ser um assunto bastante debatido no exterior, a privatização de bancos não apresenta muitas literaturas no Brasil, principalmente através de análises contábeis. Com isso, este trabalhou busca contribuir para esse assunto que não é explorado na literatura brasileira.

Este trabalhou analisou os balanços patrimoniais e DRE dos bancos BANDEPE, BANESTADO e BANESPA durante um determinado período anterior e posterior a privatização deles para verificar se houve uma melhora. Os indicadores que permitiram chegar a uma conclusão foram o lucro líquido, ROE e ROA.

Thorsten Beck, Robert Cull e Afeikhena Jerome (2005) concluíram que na Nigéria os bancos que passaram pelo processo de privatização, melhoraram suas performances. E assim como na literatura deles, este trabalhou chegou a mesma conclusão, que o processo de privatização foi benéfico para os bancos. Este resultado era esperado visto que a privatização visa uma melhor performance dos bancos e companhias, já que interesses distintos a esse não são considerados pelos gestores.

Referência:

ANUATT-NETO, Francisco; BAROSSI-FILHO, Milton; DE CARVALHO, Antonio Gledson; MACEDO, Roberto. **Os efeitos da privatização sobre o desempenho econômico e financeiro das empresas privatizadas.**

BABU, Manju Rajan; M., Ashok Kumar. **Evaluating the nationalization & privatization effect: a case of Indian banking industry.**

BECK, Thorsten; CULL, Robert; JEROME, Afeikhena. **Bank privatization and performance, empirical evidence from Nigeria.**

DE ARAUJO, Elder Linton Alves, **Os bancos públicos frente ao processo de privatização e internacionalização bancária no Brasil nos anos 90.**

DE LIMA, Isabela Soares; FERREIRA, Denílson Queiroz Gomes. **A participação estatal no sistema bancário brasileiro: uma análise do período 1996-2006.**

FILHO, Edison Benedito Da Silva. **Trajetória recente do investimento estrangeiro direto e em carteira no Brasil.**

FILHO, José Coelho Matos; OLIVEIRA, Carlos Wagner de A. **O processo de privatização das empresas brasileiras.**

GHOSH, Saibal. **Partial privatization, lending relationships and executive compensation, evidence from Indian state-owned banks.**

GIAMBIAGI, Fabio; MOREIRA, Maurício Mesquita. **A economia brasileira nos anos 90.**

GOODMAN, John B.; LOVEMAN, Gary W. **Does privatization serve the public interest?**

LUZ, Ivoir da; VIDEIRA, Sandra Lúcia. **A privatização dos bancos estaduais no Brasil.**

MACHADO, Fernando Moreno. **Desestatização e privatização no Brasil.**

MEGGINSON, William L. **The economics of bank privatization.**

MOHIELDIN, Mahmoud; NASR, Sahar. **Bank privatization in Egypt.**

MOHSNI, Sana; OTCHERE, Isaac. **Risk-taking behaviour of privatized banks.**

MONTES-NEGRET, Fernando; PAPI, Luca. **The polish experience in bank and enterprise restructuring.**

NETO, Ricardo Borges Gama. **Plano real, privatização dos bancos estaduais e reeleição.**

OLIVA, Eduardo de Camargo. **A privatização de empresas siderúrgicas brasileiras:** reflexos na gestão de recursos humanos.

SILVESTRE, Bruno dos Santos; HALL, Jeremy; MATOS, Stelvia; FIGUEIRA, Luiz Augusto Pereira de Andrade. **Privatização: bom ou ruim?** Lições do setor de energia elétrica do nordeste brasileiro.

SIQUEIRA, Selene de Souza. **Instituições e privatizações**: uma análise do programa brasileiro de desestatização.